

BRIZOLA

JULIO ALVES



Julio Alves (1966, Rio de Janeiro) é graduado em design pela UEMG e cursou pintura com Wilde Lacerda em das mais renomadas faculdades do Brasil, UFMG. Se especializou em arte na Università Internazionale delate UIA em Florença, Itália.

O desenho e a pintura fazem parte da vida de Julio Alves desde a infância. Na fase inicial de produção artística explorou a experimentação figurativa, predominantemente retratos. O artista inicia uma nova fase, demonstrando, mais uma vez, caráter disruptivo, sem medo de experimentar e aventurando-se por técnicas e estilos diferentes.

Julio retoma o movimento primordial de subjetivação, o abstracionismo. Privilegia a livre exploração das formas e das cores, inspirado pela geometria e formas orgânicas da natureza, como as das pedras. A nova fase de experimentação abrange série de gravuras, empregando uma escala de cores primárias, com contrastes cromáticos intensos, que transitam por linhas e curvas, presença de geometrismo e predileção por formas simples. A curva se insinua aos poucos dominando as superfícies das telas com refinadas transparências. A produção de gravura é um importante preceptor, uma vez que, constituem a experiência que antecipa as pinturas.

BRIZOLA

JULIO ALVES

Exposições individuais (Selecionadas)

- 2013 - Seres da Parede - **Museu Espaço cultural Vallourec** - BH/MG
- 2013 - Exposição Designio - **Biblioteca Pública de Belo Horizonte** - BH/MG
- 2012 - Exposição Desenhos - **Anexo da Biblioteca Pública Estadual** - BH/MG
- 2012 - Exposição Individual - **Galeria Contemplo** - BH/MG
- 2011 - **Espaço Cultural do Banco Central** - BH/MG
- 2009 - Exposição Pintura e Desenhos - **Biblioteca Pública de Belo Horizonte**, MG
- 2010 - Exposição individual - **Galeria de Arte Paulo Campos Guimarães**, BH/MG
- 2007- Exposição Individual - **Espaço Arte Soteropolitano**, SP

Exposições coletivas (Selecionadas)

- 2011 - **Espaço Cultural TUDO AVER** - Contagem, MG
- 2011 - **SESC Salvador** - Salvador, BA
- 2010 - **Espaço Cultural BAHVNA** - Salvador, BA
- 2006 - Arte Minas, **Tribunal de Contas da União**, BH
- 2005 - Arte Minas, Belo Horizonte

BRIZOLA

JULIO ALVES

TEXTOS CRÍTICOS SELECIONADOS

No principio era a figura...

(ou esboços sobre o outro conhecimento do mundo)

Luiz Flávio

"(...) por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz"

[Michel Foucault. As palavras e as coisas]

Apresentar a primeira exposição individual de pintura de um artista não é tarefa fácil. Especialmente quando percebemos, de imediato, que nele reside uma inquietude rara, uma paixão forte, visceral e pulsante pelo fazer, que a leva a produzir quase que compulsivamente. Uma busca constante em apreender um mundo para além das coisas visíveis, nunca visto, mas sempre conhecido.

Do desenho à pintura, ou vice versa, os trabalhos de Júlio Alves pertencem àquela categoria da criação que é irredutível à palavra. Embora seja recorrente a figura humana, especialmente a feminina, nestas imagens podemos encontrar outros resíduos, signos, ou sintomas, dos estados que caracterizam emoções humanas complexas, como introspecção, recolhimento, melancolia talvez. Mais do que figurar, o que estas obras fazem é tornar visível imagens solitárias, densas, que, paradoxalmente, deixam seus rastros profundos na pura superfície.

A despeito da utilização de modelos do real, suas pinturas e desenhos enredam figurações cuja construção se faz num processo reflexivo individual que, em alguns momentos, beira à abstração. Seu processo criativo parte de uma interiorização subjetiva do mundo, o que o aproxima bastante do Expressionismo.

Não por acaso, Gustav Klimt, Egon Schiele, Matisse e Giacometti são suas mais evidentes referências. Suas obras conseguem plasmar, através de traços e pinceladas, gestos instáveis, imprecisos e insólitos, "erros" e "acertos" que instituem como paradigma da criação a mais pura liberdade.

Do filósofo alemão Schiller (1759-1805), que postulava a educação estética como educação para a liberdade através da liberdade, ao crítico de arte brasileiro Mário Pedrosa (1901- 1981) arte como "exercício experimental da liberdade" -, a ideia de que a atividade artística deve possuir uma autonomia libertária não só fundou os alicerces do projeto conhecido como Arte Moderna, como potencializou discursos, ainda atuais, que constituem uma verdadeira afirmação de que o conhecimento que daí deriva é de outra ordem, bastante diversa daquelas que regem os outros saberes humanos.

Nesse sentido, a exposição de Júlio Alves, oportunamente, vem nos lembrar que o mais sábio, a exemplo de Sócrates, lá nos primórdios da Filosofia, é justamente aquele que professa a sua douda ignorância, afirmando nada saber. No principio era a figura, todo o resto vem depois.

Luiz Flávio

Professor do curso de pós-graduação História da Arte da PUC - Minas

Rua Ministro Orozimbo Nonato,
442, sl 1510 - Vila da Serra
Nova Lima, Brasil

www.brizolaarte.com.br
brizolaarte@gmail.com
+55 31 988860034

contato para imprensa
brizolaarte@gmail.com

[@brizolaarte](https://www.instagram.com/brizolaarte)

BRIZOLA

JULIO ALVES

TEXTOS CRÍTICOS SELECIONADOS

A pintura sempre foi um ato de coragem, principalmente em nossos dias onde as imagens correm à solta. A tela branca, às vezes, pode ter um caráter aterrador. Faz-se necessário um tanto de inconseqüência ou embriaguez para deixar livres as mãos, o espírito, a imaginação... deixar desprender os pés do chão.

Com o tempo e o hábito de fazê-lo, por um ou outro artifício, ficamos em sintonia com um estado de alma muito próprio, sendo a criação algo dionisíaco e misterioso. Um estado de pura excitação.

Trabalhamos afinal com que material? Certamente não com tintas! Pois o artista trabalha basicamente com sua necessidade. Necessidade de criar, de dizer-se, de achar-se, de ser. Esse material tem lugar bastante impreciso e encontrar sua fonte seria impossível. Talvez esteja na ausência ou na falta. Talvez na semipresença das ilusões. Talvez no desejo de encontrar verdades...

Tudo isso se vê estampado nos trabalhos de Júlio Alves. Um pintor. Escavando para dentro, expulsando suas necessidades em imagens. Pintadas sim, não por acaso. É um artista que, ao se jogar na cova dos leões, escolhe as armas que domina e fascina. E a luta é árdua para tudo que é sincero.

Tudo isso se pode entrever pelo manejo do pincel, pela força da cor, pela presença das PESSOAS.

Pessoas verdades,
pessoas faltantes ou ausentes,
pessoas imprecisas,
pessoas intensas,
pessoas desejadas.

Assim pintar para Júlio Alves é a essência do pintor. Uma poderosa ferramenta de busca - algo bem diverso do Google - pela imprecisão do espírito e de onde muitas vezes tem ele tirado obras maravilhosas.”

Israel Kislansky

BRIZOLA

JULIO ALVES

TEXTOS CRÍTICOS SELECIONADOS



Seres da Parede de Julio Alves

Ruth Silviano Brandão

Ruth Silviano Brandão

Mestre e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pós-doutora pela Universidade de Paris VIII, escritora, tradutora. É autora do texto de Aporias de Astérion (2004) e coautora, com Lucia Castello Branco, de A mulher escrita (2004), ambos da Lamparina.

A pintura de Júlio Alves transita pela esfera das linhas e das cores, onde se constrói sua poesia, sua forma especial de ver o mundo e representá-lo. Sabemos que pintura e escrita têm uma origem comum, que podemos chamar de letra, aquela que nos constitui, nos amarra, como uma tábua que sustenta o naufrago ou aqueles que podem se perder no aberto do horizonte. A poesia sempre esteve nas linhas rápidas de Júlio que as estendeu para a escultura, dando-lhe mais um suporte material que é mesmo um lugar onde ele, o poeta-pintor, pode construir seu universo. Fazendo a tinta e o desenho se entrelaçarem, ele cria um lugar especial para estar vivo em seus quadros e, ao mesmo tempo, que dá vida às formas que vê e organiza, sempre com uma rapidez vertiginosa, como se estivesse a captar o tempo em sua instantaneidade.

A exposição "Seres da parede" é resultado de uma extraordinária experiência do olhar, do viver, do dar vida, num mesmo gesto criativo, cujo primeiro passo é capturar formas que aparecem na parede, nos vidros onde o vapor da água quente condensa formas que o olhar do pintor acolhe, dando-lhes um peculiar significado. Esta a sua verdade: conseguir expor seu sentimento, ficando deste modo vivo em sua pintura, ao captar a carga emocional daquilo que foi pintado. Assim, o espectador não estará simplesmente diante de uma prova da habilidade do pintor, mas diante de sua vida nos quadros.

O impacto que os "seres da parede" podem lhe causar seria como se ele mesmo estivesse diante dessas formas espectrais,

BRIZOLA

JULIO ALVES

de enorme dramaticidade, como as figuras femininas que o pintor captou pelo movimento de seu olhar, cujo foco é a parede, ou o vidro, ou as ranhuras de um muro, de onde parecem saltar seus fantasmas trazendo, no mais das vezes, uma dor que só a poesia das cores pode captar. E elas, as cores, escorrem na tela como algo que escapa dos corpos que o pintor delineou, depois da fulguração que deixou marcas em seus olhos e suas mãos e que reverbera em seus quadros.

Assim, das linhas nítidas do elefante azul, quase infantil, ou das formas grandiosas do cavalo, às manchas trágicas, em que sua percepção visita o sofrimento, na dor pungente da mulher, cujos traços não se percebem, pois a nitidez não é própria desse tipo de aparição, nasce e se constrói sua criação poética.

Figuras estáticas, silenciosas -o pintor pinta o silêncio e a imobilidade - sozinhas ou em pequenos grupos, são formas estatuárias que reaparecem no trabalho do quadro final. Pintar o silêncio, pintar a dor, fazê-la escorrer como um excesso dos corpos é apreender o momento de sua aparição. É dar-lhe forma através de um método que é também criação. O olhar que captura os seres que aparecem na parede os seres da parede é o mesmo que os fotografa e que os faz passar pelo computador, fazendo brilhar, esmaecer, escurecer, delinear as formas. A pintura recebe os traços que dão limite ao que é impreciso e ainda reverberante nas fotos e, com o acréscimo das cores, às vezes tão excessivas, faz desaparecer as definições que os seres apresentam em sua aparição. Entretanto, esses finos traços e linhas, cores esmaecidas ou violentas revelam o pintor que já palpita, pulsa e vive, no nascimento de sua arte.

O olhar sobre o mundo que nos cerca pode estar preso às representações limitadoras do senso-comum ou, ao contrário, iluminado e expandido sobre outro universo, que só se dá a ver à sensibilidade quase epifânica do poeta-pintor, do pintor-poeta. O que é a poesia? Eterna pergunta sempre à espera de respostas que só a invenção pode formular, nem sempre com palavras, mas numa outra sintaxe, num outro arranjo das velhas e gastas representações.

Os seres da parede são essas formas fantasmáticas, fantasmagóricas, que anunciam a realidade que alguns olhares podem captar e transformar, tornando-as suas e inserindo-as num novo universo só aparentemente separado do que chamamos realidade. Energias antigas, antigos amores, gritos,

alegria e dor impregnam as paredes, inscrevem-se para sempre, como as pinturas que acabam por deixar apenas restos, ranhuras, ruínas que perderam sua aura, mas que continuam a viver, numa ressurreição epifânica. A obra de Júlio Alves traz ao espectador o inaudito de estranhas figuras, entretanto familiares em suas expressões e no que de humano permanecem em seus rostos, na visibilidade tornada possível daquilo que se perdeu, daquilo que morreu, recapturado pela memória, que retorna diversa, em sua diferença, mas sempre com seus fulgores e brilhos, para quem possa transformar restos e ruínas na mais verdadeira arte.

Ruth Silviano Brandão

Doutora em Literatura comparada, com pós- doutorado na universidade de Paris.

É escritora, ensaísta, tradutora.